

ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS E O DRAMA SOCIAL FILTRADO PELO DRAMA DO INDIVÍDUO

BORGES, F. D.¹; OURIQUE, J. L. P.²

¹Aluna do curso de Licenciatura em Letras/Português e Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Pelotas, bolsista de iniciação científica FAPERGS. francieli.d.borges@hotmail.com; ²Professor Doutor do Departamento de Letras e Comunicação, na Universidade Federal de Pelotas. jlourique@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda de forma sucinta a discussão inicial do projeto de pesquisa que está em andamento, Regionalismo e Regionalidade em Simões Lopes Neto e Graciliano Ramos: diálogos sobre formação cultural, coordenado pelo professor João Luis Pereira Ourique, no âmbito das investigações do grupo de pesquisa ÍCARO – Interdisciplinaridade, Crítica ao Autoritarismo, Regionalidade e Oralidade.

O *corpus* literário inicial, para a primeira etapa do trabalho, abordou o livro *Angústia* (1936), do alagoano Graciliano Ramos, que lhe conferiu o prêmio Lima Barreto (revista acadêmica), e trata em seu universo romanesco a insularidade, a insensibilidade e a frustração do ser humano. Em seu fluxo narrativo, há a organização de um duplo processo de rememoração aonde o narrador/personagem, envolto por pressentimentos ruins, necessita compartilhar a experiência triste e solitária.

Para que o texto pudesse ser contextualizado quanto a seu período histórico, hábitos e visões de uma geração que viveu na década que iniciou com a Grande Depressão e terminou com a Segunda Guerra Mundial, foi feita a fundamentação a partir de teóricos que compreendem a literatura como um meio de refletir acerca das manifestações sociais, tais como Antonio Candido, Theodor Adorno, Erich Auerbach, além de pesquisas em outras obras do próprio Graciliano Ramos e em textos do grupo de pesquisa ÍCARO.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Este trabalho se fundamenta a partir da pesquisa bibliográfica, visando a uma reflexão de cunho interpretativo-hermenêutica do texto de Graciliano Ramos, tendo por fundamentação teórica a sociologia literária e a Teoria Crítica da Sociedade (Escola de Frankfurt).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos da Escola de Frankfurt direcionados aos problemas formais da literatura (Theodor Adorno e Walter Benjamin, principalmente), demonstraram a profunda conexão com a desumanização do capitalismo industrial e as repercussões negativas das experiências de violência extrema do século XX. A fragmentação das obras expressa a impossibilidade de comunicação plena do que vivemos, em razão da complexidade e do caráter perturbador da experiência a ser representada. Caso de *Angústia*, um livro permeado por descontinuidade e incertezas.

A obra de Graciliano Ramos com a qual trabalhamos, intitulada por Antonio Candido (1992, p. 32) de “romance excessivo”, é contrastada com “a descrição e despojamento dos outros romances”. O crítico acentua que nele há “partes gordurosas e corruptíveis”. Reconhece, no entanto, que “talvez por isso mesmo seja mais apreciado”. A composição do texto não é a que se encontra nos padrões clássicos, já que trabalha com a inversão da ordem cronológica, além da presença de micronarrativas autobiográficas repletas de comentários irônicos. A criticidade fica em evidência, muitas vezes, na repetição impulsionada pela narração do paranóico obsessivo.

De acordo com Antonio Candido (2000, p. 114), em meados de 1930, a literatura e o pensamento sofriam uma grande mudança:

A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolvia no romance e no conto, que viviam em uma das suas quadras mais ricas. Romance fortemente marcado de neonaturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado; poesia e luta do trabalhador; êxodo rural e cangaço; vida difícil das cidades em rápida transformação. Nesse tipo de romance, o mais característico do período e frequentemente de tendência radical, é marcante a preponderância do problema sobre o personagem. Em Graciliano Ramos, a humanidade singular dos protagonistas domina os fatores de enredo: meio social, paisagem, problema político. Mas, ao mesmo tempo, tal limitação determina o importantíssimo caráter do romance, nessa fase, que aparece como instrumento de pesquisa humana e social, no centro de um dos maiores sopros de radicalismo da nossa história.

O próprio Graciliano Ramos evidencia, anos mais tarde, em *Memórias do Cárcere*, a escassez de continuidade em *Angústia*, diz que “o diabo era que o livro abundava desconexões, talvez irremediáveis” (1954, p. 42).

Luís da Silva, narrador e personagem do romance, que era funcionário público e, nas horas vagas e noturnas, jornalista e escritor, é um personagem muito próximo da realidade cultural de Graciliano Ramos. De acordo com o autor, “o meu Luís da Silva era um falastrão, vivia a badalar à toa reminiscências da infância, vendo cordas em toda parte” (RAMOS, 1954, p. 42).

O Brasil descrito pelas micronarrativas é o da República Velha (1930-1964). Ali estão as raízes sentimentais do personagem principal, um representante típico da juventude tenentista. Nas comunidades rurais alagoanas, o relacionamento entre as pessoas é áspero e rude. São sobreviventes de um mundo que está ruindo. Assim, Luís da Silva se desliga da vida familiar e rural, entusiasmado pela transformação revolucionária da cidade. As viagens dele complementam o relato da experiência infantil e juvenil no campo.

Um importante aspecto analisado no texto do autor nordestino é o culto à violência – empregada em forma de humilhação, espancamento etc. – que torna possível observar a crítica a uma sociedade insensível, que vê os atos violentos como forma respeitável de punição, que obedecem inclusive a níveis hierárquicos:

Um crime, uma ação boa, dá tudo no mesmo. Afinal já nem sabemos o que é bom e o que é ruim, tão embotados vivemos (RAMOS, 2008, p.194).

Isso se explica, segundo Rosenfeld e Auerbach, pela profunda mudança social e, portanto, na forma de pensar das pessoas. Essas transformações levariam à necessidade de representação de uma consciência multiforme e aberta a contradições, que se expressaria na instabilidade de conduta de narradores, na construção de personagens marcadas por paradoxos e vazios, na inutilidade ou impenetrabilidade de ações:

Entro no quarto, procuro um refúgio do passado. Mas não me posso esconder inteiramente nele. Não sou o que era naquele tempo. Falta-me tranquilidade, falta-me inocência, estou feito um molambo que a cidade puiu demais e sujou (RAMOS, 2008, p.24).

É possível abordar na narrativa a frustração, em diversas passagens. É como se os personagens assistissem resignados a suas próprias vidas, sem perspectiva ou, como diria o próprio autor, “movendo-se como peças de um relógio cansado” (RAMOS, 2008, p. 195):

O guarda-civil do relógio oficial veio para a cidade e arranhou emprego. É um sujeito magro como eu, civilizado como eu. Se houver barulho na rua, ele apita. Se houver greve nas fábricas e lhe mandarem atirar contra os grevistas, atira tremendo. As greves acabam. E ele voltará para a chateação do ponto, magro, triste. É pouco mais ou menos como eu (RAMOS, 2008, p.196).

Até mesmo a seca - questão constantemente abordada por Graciliano Ramos - está presente em *Angústia*, embora seja apresentada com um tanto de insensibilidade, por parte do personagem principal:

O que lhe interessa na minha terra é o sofrimento da multidão, a tragédia periódica das secas. Procuo recordar-me dos verões sertanejos, que duram anos. A lembrança chega misturada com episódios agarrados aqui e ali, em romances. Dificilmente poderia distinguir a realidade da ficção. De resto, a dor dos flagelados naquele tempo não me fazia moça (RAMOS, 2008, p.33).

É possível notar a referência naturalista em inúmeras passagens, nas quais o autor compara seus personagens com animais. Julião Tavares, por exemplo, é comparado com pavão e com rato. Luís da Silva se compara diversas vezes com um rato. Marina é descrita, no início da ficção, como “uma gata que se enrola e mia” (RAMOS, 2008, p. 110).

Ainda de acordo com Antonio Candido (1992, p. 80):

tecnicamente, *Angústia* é o livro mais complexo de Graciliano Ramos. Senhor dos recursos de descrição, diálogo e análise, emprega-os aqui num plano que transcende completamente o naturalismo, pois o mundo e as pessoas são uma espécie de realidade fantasmal, colorida pela disposição mórbida do narrador. A narrativa não flui, como nos romances anteriores. Constrói-se aos poucos, em fragmentos, num ritmo de vaivém entre a realidade e o presente, descrita com saliência naturalista, constante evocação do passado, a fuga para o devaneio e a deformação expressionista.

O texto de Graciliano Ramos culmina em um processo não linear, fragmentário. Em *Angústia* aparece, na verdade, outra forma de escrever romance, talvez mais adequada à matéria ali narrada.

4 CONCLUSÃO

Graciliano Ramos criou modos literários nos quais descreve complexos e variados lados da natureza humana, as suas paixões, desgostos e motivos de seus impulsos. Nesse sentido, a vaidade e o orgulho rompem, mediante a expressão trágica, com os traços de polidez impostos pelos costumes e hábitos. O romancista descreve a sordidez dos ambientes e a pretensa conduta dos personagens, evidenciando os pontos em comum com situações reais.

O fluxo narrativo de *Angústia*, no futuro do pretérito, parece nunca se realizar no plano real. O personagem principal diz: “Escrevo, invento mentiras sem dificuldade. Mas as minhas mãos são fracas, e nunca realizo o que imagino” (RAMOS, 2008, p. 197). A obra toda é permeada por lampejos de esperança e sofrimento, pela vontade e pela fraqueza, e as boas intenções comumente se chocam com a brutalidade do real em seu universo romanesco. Esse texto, na direção da subjetividade, retrata questões ainda hoje vivenciadas, sendo possível a identificação com o leitor.

5 REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo. Perspectiva, 1976.

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: VÁRIOS. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 2ª ed. (Os Pensadores).

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queirós, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 63ª ed. São Paulo: Record, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 9ª ed. São Paulo: Record, 1976.